

Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional.

Núncia Santoro de Constantino*

A discussão que se propõe é justificada por várias razões.

A primeira delas decorre da concepção de História que se impõe em consequência da crise do marxismo ocorrida no final dos anos 60. Rompe-se com a abordagem “macro” e ressurge a idéia de que a História envolve narrativa. Gradativamente impôs-se uma nova história com diversificados temas, como a história vista de baixo, classes operárias, mulheres, minorias étnicas ou raciais, uma História que considera a subjetividade e as representações culturais. Por outro lado, busca-se a legitimação de novas fontes para dar conta das múltiplas possibilidades. A questão aqui é, portanto, dimensionar a história da imigração italiana no contexto historiográfico.

Um segundo motivo nessa discussão está relacionado aos estudos de imigração no Brasil que privilegiam o caso de São Paulo, com sua maciça imigração mão-de-obra lavoura de café e industrialização. O caso paulista torna-se o estereótipo e a importância da imigração nos estados meridionais é obscurecida, pois distante do operariado, envolvendo colonização rural e imigração urbana em redes, nos moldes de pequena burguesia.

Para dar exemplo, a editora Zahar publica em 2001 um pequeno livro como parte da coleção *Descobrimo o Brasil*. Pois *O Brasil dos Imigrantes*- é esse o título, reserva um capítulo para os portugueses do Rio de Janeiro, outro para italianos de São Paulo e o último para os “galegos” de Salvador. A imigração e a colonização no sul ficaram de fora.

Um segundo exemplo vem de além mar. A *Storia dell'emigrazione italiana*, em dois volumes e 847 páginas, publicado por Donzelli Editores de Roma, em 2002, reserva 23 páginas para o Brasil. Dessas, três páginas, ou pouco mais de 10% do conteúdo, sobre a colonização agrícola., sendo que, apenas em duas linhas, menciona que “a mais significativa colonização ocorreu no RS, Santa Catarina e Paraná” e, nas duas páginas restantes apresenta considerações gerais sobre leis e política de terras no Estado de São Paulo e no Brasil.

* Doutora em História Social, Professora Titular do PPGH-PUCRS, Bolsita Pq CNPq

Lembro que a imigração colonizadora consiste na maior reforma agrária realizada no país, que transformou a fisionomia política, econômica e social do sul do Brasil, com reflexos na agricultura, industrialização, urbanização, na cultura.

Sabe-se que houve fundamentais diferenças nos processos de imigração, fenômeno cuja complexidade é imensa. As diferenças regionais já aparecem na origem, visto que cada província traçava sua política desde 1850. Maria Theresa Petrone, com seus renovadores estudos desde a década de 1970, lembra que, além das fazendas de café, a província do Espírito Santo e as três províncias meridionais atraíam imigrantes, em áreas desocupadas consideradas próprias ao estabelecimento de um “campesinato” nos moldes europeus, com vistas à formação de uma classe média. Enfatiza que, nas diversas regiões do país, “[...] a experiência do imigrante foi diferente, sucessos e insucessos têm outros fundamentos”¹.

A vasta produção historiográfica do sul, publicada em prestigiadas editoras universitárias, originada nos muitos programas de pós-graduação, continua pouco difundida.

Quanto ao último motivo que apresento a justificar minha reflexão: o espaço mínimo concedido no plano nacional para a imigração no sul do Brasil não corresponde ao número de pesquisadores que trabalham com essa imigração.

Dos dez primeiros nomes de pesquisadores ativos em História elencados pela Plataforma Lattes CNPq, seis estudam imigração no RS: Nuncia Santoro de Constantino; Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro; Luiza Horn Iotti; Luís Fernando Beneduzi e Loraine Slomp Giron . Somente quatro pertencem a universidades de todo o Brasil: Juiz de Fora, Federal de São Paulo e Estadual do Rio de Janeiro Federal do Pará.

Importante agora é repassar como foi inserido o tema na historiografia do extremo sul do Brasil, inserção que foi tardia, como tardia foi a narrativa do passado rio-grandense. Nossa História, como outras histórias regionais, modelou-se essencialmente em Ranke, inspirada em Comte, cujas idéias fincaram as mais profundas raízes no Rio Grande do Sul, que chegou a ser chamado de Contelândia.²

¹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. “O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo”. In: DE BONI, Luís A. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. p 102-3

² Ver CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A inscrição dos imigrantes italianos na historiografia do Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C.. (Org.). *Migrantes ao sul*

No final do século XIX, aparecem as primeiras publicações, fundamentais para a construção de uma tradição gaúcha. O regionalismo é fabricado, cultivando-se um romantismo fora de tempo. O gaúcho, até então considerado homem rude do campo, indisciplinado e socialmente desqualificado, passava a ser narrado como homem livre, forte e valente, um puro nativo de Rousseau, tipo ideal para representar a população do Rio Grande que, no período, já era diversificada com estrangeiros ou descendentes, afeitos às atividades urbanas ou à agricultura. Parte dessa construção deve-se às apologias feitas aos personagens da Revolução Farroupilha, que passava a ser contada como uma gesta de heróis e não mais como uma guerra bárbara e separatista.

Na historiografia não sobrava espaço para a imigração. Encharcados pelo pensamento positivista, os historiadores tratavam de valorizar os *vultos heróicos* e, no final do século XIX, o grupo constituído por imigrantes, na maioria italianos, continuava aumentando pelo ingresso de grandes contingentes. Não poderiam ser considerados heróis; inclusive, provocavam conflitos ou tomavam parte neles, como é o caso da Revolução Federalista.

Em 1898 Borges de Medeiros torna-se presidente do Estado que governará por quase 30 anos. Logo deixou claras suas intenções de reativar a imigração italiana, porque já era notável o desenvolvimento da Região Colonial Italiana. O resultado de sua política repercute nas cidades, onde a presença de imigrantes aumenta e se diversifica.

O regionalismo aparece claramente na administração das colônias italianas. Em 1890, a colônia Dona Isabel é emancipada como município de Bento Gonçalves, em homenagem ao principal chefe farroupilha; Conde d'Eu, por sua vez, é emancipada em 1900, como município de Garibaldi.

A Revolução Farroupilha assumia o primeiro plano na narrativa histórica. Na virada para o século XX, os historiadores do Estado estavam fascinados pela Guerra.³ Continuam ignorado a presença dos imigrantes; somente Alfredo Varela acusa tal presença, mas com pesadas críticas. Escreve, em 1897:

do Brasil. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

³ GUTFREIND, Ieda. **A Historiografia Rio-Grandense**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

“Ao lado da imigração alemã, desenvolveu-se muito, nas últimas décadas, a italiana, hoje a mais numerosa e que começa a despertar um perturbador antagonismo [...] O governo central mostra-se empenhado em avolumar a todo custo a vinda de trabalhadores, mas essa inepta disposição vai dando frutos que estão indicando quanto foi e continua a ser errado o plano concebido.”⁴

Em 1920 funda-se o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, cuja atividade amplia notavelmente a produção historiográfica, sempre com o imigrante à margem. A publicação de Revista auxiliou na definição da pretendida identidade, enfatizando a colonização portuguesa, as relações com a região platina, além de destacar, de modo recorrente, a Revolução Farroupilha.

A situação seria alterada no período de ascensão do fascismo na Itália, quando são fortes as lideranças no grupo italiano do Rio Grande do Sul, contaminadas pela ação da diplomacia. Naquele período é fortalecido o mito da *Roma Imperial*, valorizam-se os feitos dos navegadores italianos, glorifica-se a arte, a filosofia e a literatura renascentista. Neste quadro, o imigrante era uma imagem indesejada para um país que se pretendia moderno. A Nova Itália de Mussolini tratou de construir outra representação, vigorosamente divulgada pela ação diplomática: aquela imagem dos operosos cidadãos italianos no exterior, tributários de uma valorosa pátria-mãe.

Como parte dessa política externa bem mais atuante, surge a publicação comemorativa ao cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, financiada pelo governo italiano.⁵

O álbum do *Cinquantenario* foi organizado por Mansueto Bernardi, de quem é o primeiro texto, seguindo apresentações do presidente do Estado do Rio Grande do Sul e do Ministro do Exterior da Itália, Benito Mussolini. O título do texto inicial : *Gli Italiani e la Repubblica di Piratiny*, demonstra o apelo em torno da Revolução Farroupilha. Mansueto era uma das lideranças do grupo social italiano, intelectual e membro do PRR. Encontrava-se bem à vontade na campanha de valorização do

⁴ VARELLA, Alfredo. *Rio Grande do Sul descrição física, histórica e econômica*, 1897 p. 358

⁵ CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Porto Alegre: Globo, 1925

imigrante que se desenvolvia na Itália, assim como na apropriação por Mussolini da figura de Garibaldi, já há algum tempo reverenciada no Rio Grande do Sul.

Assim, o Álbum publicado em 1925 apresenta, por primeira vez, uma narrativa histórica sobre a imigração, centrada nos vultos proeminentes, a começar por Garibaldi. Além de Garibaldi e dos seus companheiros italianos da revolução, as principais lideranças da “colônia” são contempladas com textos sobre suas trajetórias individuais, em estilo épico.

A imagem de Garibaldi impõe-se pouco a pouco como representante da coletividade italiana. Mas os historiadores continuavam empolgados na valorização dos feitos revolucionários que alcançaria o ápice em 1935, com os festejos pelo centenário da Revolução.⁶

Nos anos sucessivos, o tema da imigração italiana receberá alguma atenção, com alguns estudos. È o caso daqueles publicados por Roque Callage, Clodomiro Carricande ou Archymedes Fortini, contaminados pelo conceito norte-americano do *melting pot*. Foram sucedidos por outros estudos que fizeram apologia aos imigrantes e aos seus descendentes, apresentando-os de forma homogênea e idealizada, como heróis que venceram sozinhos todas as adversidades graças às qualidades naturais da sua etnia, longe do apoio das autoridades. Assinavam essa historiografia personagens inseridos na sociedade colonial como membros do clero secular e de ordens religiosas, viajantes italianos interessados na emigração, *publicistas* vinculados aos partidos da direita italiana, diplomatas, memorialistas, missivistas, cujos escritos foram posteriormente reelaborados e mil vezes divulgados. Assinala Márcio Biavaschi⁷ que essas idéias transformaram-se em verdadeiros mitos, como o mito do trabalho, do espírito de solidariedade colonial, da harmonia social e ausência de conflitos, a solidez dos valores familiares, etc. Constrói-se então o mito que ajuda a manter a coesão do grupo social, fortalecendo regras de convivência, como afirma Gustavo Valduga⁸. As primeiras

⁶ CONSTANTINO, Núncia Santoro de . “Eroe e Mito: Garibaldi nel sud del Brasile”. In: Jan Marten Ivo Klaver; Gabriela Morisco; Gilberto Piccinini. (Org.). *Garibaldi e gli ideali democratici internazionali*. Munique: Martin Meidenbauer, 2011, v. , p. 157-164.

⁷ BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. *Relações de poder coronelistas na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul durante o período borgista (1903-1928)*. 2011. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁸ VALDUGA, Gustavo. Paz, Itália, Jesus. Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do Jornal Correio Riograndense (1930-1945). 2007. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

narrativas da imigração italiana, portanto, fortalecem a imagem mitológica do imigrante.

O êxodo forçado, a peregrinação em massa de imigrantes, abandonados pela pátria-madrasta, a terrível travessia oceânica, tudo isso é superado pelo imigrante que é um forte. Sua experiência é descrita como a verdadeira saga do heróico colono, abandonado pelas autoridades brasileiras.

Roland Barthes disse que o mito elimina a complexidade dos atos humanos, suprime a dialética porque organiza um mundo sem contradições⁹.

Assim, na década de 1970, apresentava-se uma reação à velha historiografia: uma curiosa forma de materialismo histórico. Costumo afirmar que à historiografia *laudatória* sucedeu aquela *miserabilista*, que não eram excludentes, sobretudo porque sempre laudatórias. Então não se louvava mais as lideranças, mas as miseráveis massas sem rosto, pasteurizadas na opressão, impotentes contra os poderosos.

O imigrante era o herói vencera sozinho todas as adversidades, graças às qualidades naturais da sua etnia, apesar das autoridades opressoras. Tal historiografia foi responsabilidade de pesquisadores inseridos na sociedade colonial, especialmente padres católicos. Reelaborados e divulgados, seus escritos reforçam o mito do trabalho, da religiosidade, da solidariedade e harmonia entre os colonos, da visão alegre de mundo, da solidez da ordem familiar, entre outros atributos.

Mas a partir do primeiro centenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, com a organização naquele ano de um concurso de monografias, a imigração italiana passa a ser também tema muito valorizado em trabalhos acadêmicos. Tal fato coincide com a fundação dos primeiros programas de pós-graduação no Estado. O discurso laudatório em certa medida continuou por muito tempo exercendo influência: Carlos Zagonel, por exemplo, enfatizava o colono abandonado, sozinho e jogado na floresta virgem, corajoso herói superando dificuldades. Reconstruía um mundo idílico que até hoje permeia o imaginário colonial¹⁰.

Rovílio Costa e Irineu Costella, em várias obras, também enfatizaram o heroísmo dos imigrantes, ainda que realizassem um importante trabalho de pesquisa; Olívio Manfroi em tese defendida em Sorbonne e depois publicada no Brasil, mantém

⁹ BARTHES, Roland. *Mitologias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007. p.235

¹⁰ ZAGONEL, Carlos Albino. *A Igreja e a Imigração italiana*. Porto Alegre: La Salle, 1975.

acentuada a caracterização do colono heróico, apoiado no Catolicismo e tutelado pelo clero.¹¹

Contrapondo o discurso dessa historiografia étnica, lembro que o imigrante usufruiu de um projeto de colonização. Foram-lhe propiciadas, ao longo do tempo, amplas condições de desenvolvimento, a começar pela terra doada ou financiada a longo prazo por preço acessível, algo que nunca aconteceu com negros, índios ou caboclos.

Thales de Azevedo¹² esclareceu o assunto ao escrever sobre a chegada e a instalação de imigrantes, tornando relativa à questão do abandono. Registra que “as bagagens dos imigrantes eram transportadas gratuitamente até as sedes das comissões ou núcleos. Recebiam agasalho, hospedagem durante quatro dias, transporte gratuito para os barracões perto dos seus futuros lotes rurais, que escolhiam. Até as primeiras colheitas, os chefes de família e seus filhos maiores eram empregados na construção das estradas, durante quinze dias de cada mês, a fim de obterem recursos para subsistência. Houve enormes investimentos do poder público: criação e manutenção dos núcleos de povoamento, transporte para a produção, financiamento de terras e abertura de estradas.

Nos últimos vinte anos, impõe uma produção histórica que acompanha as novas tendências. Usando como ponto de partida a listagem do CNPq, assinalamos os responsáveis por estudos renovadores, desenvolvidos a partir de programas de pós-graduação, pesquisadores que dão continuidade à produção acadêmica.

Luiza Horn Iotti, da Universidade de Caxias do Sul, faz aprofundada análise textual da palavra de autoridades brasileiras e italianas. A partir dos documentos que produziram, a pesquisadora infere os posicionamentos dos seus respectivos Estados diante da imigração e dos imigrantes. As relações entre esses Estados, por outro lado, refletem claramente as contradições e os antagonismos existentes na sociedade.

Luís Fernando Beneduzi, atualmente na Universidade de Veneza, sob fundamentos da História Cultural, demonstra o imaginário do camponês vêneta e a identidade construída e transportada para o Brasil, onde é reestruturada uma nova imagem do Vêneta, em estética do presente, a partir de fragmentos da memória.

¹¹ MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: EST, 2001.

¹² AZEVEDO, Thales. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

Vania Beatriz Merlotti Herédia, da Universidade de Caxias, que analisa a formação da força de trabalho decorrente dos processos migratórios na região colonial italiana. Também destaca a relação entre fatores culturais e desenvolvimento econômico, com ênfase no pólo metal-mecânico de Caxias do Sul, numa abordagem típica da história econômica.

Marta Rosa Borin, da Universidade Federal de Santa Maria tem analisado, no âmbito da História Cultural, diferentes formas de religiosidade popular, abordando tensões e conflitos, interações entre culturas em sociedade plural, como é aquela de áreas de colonização.

Vitor Biasoli, também da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisa a História da Igreja e as manifestações religiosas como elementos culturais; nesse enfoque analisa a imigração italiana, especialmente na Quarta Colônia Imperial Silveira Martins, concluindo que tais manifestações auxiliaram na construção da identidade dos grupos humanos constituídos por imigrantes.

João Carlos Tedesco, da Universidade de Passo Fundo, concentra interesses na imigração como *campesinato*; tem analisado a imigração brasileira para a Itália, com destaque aos processos de trabalho dos imigrantes brasileiros naquele país.

Rosemary Fritsch Brum – da UFRGS, estuda representações dos imigrantes em Porto Alegre, com ênfase nas sensibilidades, conceito central que permite entender a forma pela qual os indivíduos percebem e traduzem o mundo em representações, processo que envolve sensações, emoções, sentimentos, elaborações racionais.

Regina Weber, da UFRGS, analisa temáticas relacionadas à construção da identidade étnica por grupos de imigrantes, assim como destaca as identidades locais; ainda que focalize seus estudos em outras etnias, suas abordagens teórico-metodológicas fundamentam alguns trabalhos de doutorandos e mestrados sobre a imigração italiana.

Um breve comentário também pode ser feito sobre recentes teses defendidas, buscando traduzir novos caminhos que vêm sendo trilhados, considerando que na PUCRS concentram-se os trabalhos sobre imigração porque, sendo um programa com grau 6, mantém há 20 anos uma linha de pesquisa sobre imigração e um projeto sobre imigração italiana que coordeno.

Então, teses recentíssimas são de autoria de Ismael Vannini, Renato Menegotto e Márcio Biavaschi.

Vannini propõe uma análise de crimes sexuais ocorridos entre 1938 e 1958 na Colônia de Guaporé, investigando tema pouco explorado na historiografia da imigração e que fundamenta a desconstrução de um mito.

Renato Menegotto analisa a obra de considerável número de construtores e arquitetos italianos na cidade de Porto Alegre em acelerado processo de crescimento no início do século XX, demonstrando formas e espaços da arquitetura italiana presentes em edificações residenciais na cidade.

Márcio Alex Biavaschi descreve as condições de manutenção do poder coronelista em municípios da região colonial italiana e, sobretudo, analisa o modo como os colonos se organizaram e formaram grupos de pressão diante do poder municipal e estadual do Partido Republicano. A tese revela o absurdo de teorizar de modo homogêneo um sistema político como o coronelismo ou um fenômeno como a imigração.

Considerando a centena de dissertações de mestrado sobre imigração e colonização italiana, defendidas e aprovadas nas Universidades do Sul, conclui-se que a renovação da temática é uma realidade. Enfim e acima de tudo, produz-se hoje surge uma História da Imigração que leva em conta a subjetividade e as representações culturais, que não é História Regional, porque dá conta de amplo e diferenciado processo ocorrido no passado brasileiro, a exemplo de processos que se desenvolveram em estados do sudeste ou do nordeste.